

**A chave**  
**DOURADA**  
**e outros contos**



George MacDonald



Tradução  
Mayra Csatlos

  
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*The light princess and other fairy stories*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
George MacDonald

Diagramação  
Linea Editora

Editora  
Michele de Souza Barbosa

Design de capa  
Imaginare Studio

Tradução  
Mayra Csatlos

Imagens  
Floresta e faixa desenhadas por Freepik;  
Annakonchits/freepik.com;

Preparação  
Mirtes Ugeda Coscodai

Silvector/freepik.com;  
Macrovector/br.freepik.com;

Revisão  
Catrina do Carmo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

M135	MacDonald, George
	A chave dourada e outros contos / George MacDonald; traduzido por Mayra Csatlos. - Jandira, SP : Principis, 2021. 128 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da literatura mundial).
	Título original: The light princess and other fairy stories ISBN: 978-65-5552-675-2
	1. Literatura inglesa. 2. Fantasia. 3. Realeza. 4. Contos de fada. I. Csatlos, Mayra. II. Título.
2021-0224	CDD 823.91 CDU 821.111-3

**Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura inglesa : 823.91
2. Literatura inglesa : 821.111-3

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

# Sumário

A princesa etérea .....	7
1. O quê? Nenhum filho? .....	7
2. Sou a única que não vai? .....	8
3. Ela não pode ser a nossa filha .....	10
4. Onde ela está? .....	12
5. Então, o que faremos?.....	15
6. Ela ri demais .....	18
7. Tente a metafísica.....	21
8. Tente uma gota-d'água .....	26
9. Coloque-me de volta .....	31
10. Olhe para a lua.....	37
11. SSS!.....	41
12. Onde está o príncipe?.....	46
13. Aqui estou eu .....	49
14. Quanta gentileza de sua parte .....	52
15. Olhe a chuva! .....	59
O coração do gigante .....	63
A chave dourada .....	91





# A princesa etérea

## 1

### O quê? Nenhum filho?

Era uma vez, há tanto tempo que já nem me lembro ao certo, havia um rei e uma rainha que não tinham filhos.

E o rei dizia a si mesmo: “Todas as rainhas que conheço têm filhos, algumas têm três, sete, e outras até doze, mas a minha rainha não tem sequer um filho. Sinto-me frustrado.” Ele ficou furioso com a esposa, no entanto, ela encarou a situação com tranquilidade, pois era uma rainha boa e paciente, e, diante disso, o rei ficou ainda mais bravo com ela. E a rainha fingiu que encarava a situação como se fosse uma piada, uma piada da boa!

– Você podia, pelo menos, me dar filhas! Que tal? – perguntou ele. – E nem digo *filhos*, pois seria exigir demais de você.

– Claro, querido rei, desculpe-me – disse a rainha.

– É assim que deve ser – respondeu o rei –, tenho certeza de que entende meu desejo.

Ele não era um rei mal-humorado, e, em qualquer situação de menor urgência, permitiria com todo o seu coração que a rainha fizesse o que quisesse. Entretanto, este era um assunto de estado.

A rainha sorriu e falou docemente:

– Você precisa ter paciência com as mulheres, você bem sabe, meu querido rei.

Ela era, de fato, uma ótima rainha e lamentava-se muito por não conseguir satisfazer os desejos do rei e fazê-lo plenamente feliz.

O rei tentou ser paciente, mas não foi bem-sucedido nessa empreitada, e insistia no pedido sempre que encontrava a rainha. Então, finalmente, a rainha deu-lhe uma filha, uma princesinha adorável e chorona como jamais se tinha visto antes.

## 2

### **Sou a única que não vai?**

O dia do batismo da criança se aproximava rapidamente, e o rei redigiu todos os convites de próprio punho. Mas, obviamente, tomado pela euforia e pela pressa, mesmo sem intenção, acabou se esquecendo de convidar alguém.

Na verdade, em geral, não há muitos problemas se alguém é esquecido, mas, infelizmente, o rei se esqueceu de convidar a princesa Makemnoit, e isso foi realmente um azar, porque ela era a irmã do rei! Se é que havia justificativa para o esquecimento de

alguém por parte de um rei, este, no entanto, foi perdoado mesmo que o evento fosse um batismo. A princesa vivia dentro do sótão do castelo, era uma pessoa bastante desagradável, e a relação entre os irmãos era bastante ruim, mas ainda assim esse esquecimento foi muito estranho.

Ela era uma criatura amarga e vingativa, e tinha uma aparência sinistra. As rugas de desprezo se uniam às rugas de cólera, e tudo se tornava um emaranhado de rugas, como um punhado de manteiga remexida. Sua testa era tão grande quanto o resto de seu rosto, e projetada para frente. Quando estava brava, seus pequenos olhos refletiam uma luz azul; quando detestava alguém, eles reluziam luzes amarelas e verdes. De que cor eles ficavam quando ela amava alguém, isso eu não sei, pois nunca se soube de alguém que ela amasse, exceto ela mesma, e somente ela de algum modo se acostumaría com o seu próprio jeito. Mas a imprudência do rei ao esquecê-la revelou-se muito perigosa, pois a princesa era extremamente sagaz. Na realidade, ela era a mais maligna de todas as fadas e a mais esperta também. Quando a princesa enfeitiçava alguém, o rei rapidamente descobria, pois seus feitiços eram muito cruéis, e ela desprezava todos os métodos usados ao longo da história pelos quais fadas e bruxas ofendidas se vingavam. Após uma espera inútil pelo convite do irmão, ela decidiu comparecer ao batizado mesmo sem ser chamada e, então, chatear toda a família como princesa que era.

Ela colocou seu melhor vestido e dirigiu-se ao palácio, onde foi gentilmente recebida pelo feliz monarca, aquele que se esqueceu de que a havia esquecido, e ocupou seu lugar na procissão até a capela real. Assim que todos se reuniram ao redor da fonte, ela se

aproximou e lançou algo na água. Em seguida, manteve uma postura respeitável até que o rosto da criança foi banhado com a água benta da fonte e, neste mesmo instante, ela rodopiou três vezes e murmurou as seguintes palavras em alto e bom som para todos aqueles que estavam próximos a ela:

*Eu lhe lanço este malfeito,  
Corpo e alma como o vento,  
Entusiasmo sem defeito, –  
Aos seus pais, dor e tormento!*

Todos pensaram que ela havia enlouquecido e que repetia uma rima tola e infantil, mas, em seguida, todos os convidados sentiram um calafrio. A bebê, pelo contrário, pôs-se a rir e gritar enquanto sua babá se assustou e deu um grito abafado, pois pensou que estava paralisada e não conseguia sentir a criança em seus braços, então a agarrou com toda a sua força e não disse mais nada.

A feitiçaria estava consumada.

### 3

## **Ela não pode ser a nossa filha**

A tia atroz havia privado a criança de todo o seu peso. Se me perguntar como isso foi possível, aqui respondo: “da forma mais fácil que há no mundo. Ela apenas teve que destruir a gravidade”. A princesa era uma filósofa e conhecia tão bem os detalhes sobre as leis da gravidade quanto conhecia o cadarço das próprias botas. Na condição de bruxa, ela era capaz de anular aquelas leis em um

instante, ou pelo menos, obstruí-las e enferrujá-las para que deixassem de funcionar. Porém, importa-nos mais saber o que sucedeu do que como isso aconteceu.

A primeira coisa estranha que resultou desta infeliz privação foi que, no momento em que a babá começou a balançar a bebê para cima e para baixo na tentativa de acalmá-la, ela voou dos seus braços na direção do teto. Felizmente, a resistência do ar a fez parar a poucos centímetros do teto, e lá ela permaneceu na mesma posição horizontal que deixou os braços da babá, porém, chutava e ria incrivelmente. A babá, aterrorizada, tocou o sino e implorou que o empregado, o qual respondeu ao chamado, trouxesse a escada imediatamente. Tremendo muito, ela subiu cada degrau e teve de ficar bem no topo da escada e, então, esticou-se para alcançar o rabicho das roupas esvoaçantes da bebê.

Quando a notícia se espalhou, houve uma comoção terrível no palácio. O rei descobriu o ocorrido em uma repetição da experiência anterior com a babá. Ele ficou estupefato quando colocaram a bebê em seus braços, e ele não pôde sentir seu peso. Então, começou a balançá-la, e ela subiu lentamente até o teto, como antes, e ficou lá, flutuando em total conforto e satisfação, o que era confirmado pelo som de seu riso de bebê. O rei permaneceu em pé, estupefato, e tremia de modo que a barba se agitava como se fosse grama soprada pelo vento. Ao final, dirigiu-se à rainha, que estava tão horrorizada quanto ele, e disse, quase sem ar, com o olhar penetrante e a voz vacilante:

– Esta não pode ser a nossa filha, rainha!

A rainha estava muito atenta a tudo que acontecia ali e suspeitou que a menina estivesse sob feitiço provocado por alguém.

– Tenho certeza de que ela é nossa filha – respondeu –, mas devíamos ter sido mais cuidadosos com ela em seu batismo. Pessoas que não foram convidadas não deveriam estar presentes.

– Oh, não! – exclamou o rei, batendo em sua própria testa com a palma da mão. – Já entendi tudo! Eu descobri o que houve. Você não notou? A princesa Makemnoit a enfeitiçou!

– É exatamente o que imaginei – respondeu a rainha.

– Desculpe, minha querida, não a ouvi. John, traga a escada que uso para subir no meu trono! – Ele era um pequeno rei que ocupava um grande trono, como muitos outros reis.

A escada foi trazida e colocada sobre a mesa de jantar. John subiu no topo da escada, mas ainda assim não alcançava a princesinha, que estava pairada no ar como uma nuvem envolta em risos de bebê, gargalhando sem parar.

– Tente com esse pegador, John – disse a Majestade e, ao subir na mesa, entregou a ele o objeto.

John conseguiu alcançar a bebê e, então, a princesinha foi devolvida para os braços da mãe.

## 4

### Onde ela está?

Em um belo dia de verão, um mês após suas primeiras aventuras, tempo durante o qual foi cuidadosamente observada, a princesa estava deitada na cama da rainha e adormeceu rapidamente. Uma das janelas estava aberta, pois era meio-dia, e o dia estava tão abafado que a garotinha estava envolvida em nada menos etéreo do

que a própria sonolência. A rainha foi ao quarto e sem perceber que a bebê estava em sua cama, abriu outra janela. Um vento de fada brincalhona, à espreita de uma travessura, entrou pela mesma janela, pairou sobre a cama onde a criança dormia, e então a levantou. Ela rolou e flutuou como se fosse uma penugem ou um dente-de-leão, e o vento a carregou pela janela à frente, para o exterior do palácio. A rainha, após poucos minutos, saiu do quarto, sem nem mesmo perceber que havia ocasionado o sumiço da própria filha com a abertura daquela janela.

Quando a babá voltou, imaginou que Sua Majestade havia carregado a criança consigo, e com medo de ser repreendida, demorou a perguntar sobre a menina. Mas, por causa do silêncio, ela ficou aflita e foi ao vestiário da rainha, onde encontrou Sua Majestade.

– Com licença, Vossa Majestade, posso levar a bebê? – perguntou a babá.

– Onde ela está? – perguntou a rainha.

– Desculpe-me, por favor! Sei que errei...

– Do que está falando? – perguntou a rainha com a feição séria.

– Não me assuste, Vossa Majestade! – exclamou a babá, cruzando as mãos, como em uma prece.

A rainha notou que havia algo errado e caiu desmaiada para trás. A babá correu pelo palácio gritando:

– Minha bebê! Minha bebê!

Logo notaram que a princesinha estava desaparecida e, por um instante, o palácio pareceu uma verdadeira colmeia de abelhas em um jardim. No minuto seguinte, a rainha recuperou a consciência e, ainda apavorada, deu um grande berro e bateu palmas na intenção

de chamar algum empregado. Encontraram a princesinha dormindo embaixo de um arbusto de rosas para onde o vento brincalhão a tinha carregado, a pequena garota branca e adormecida estava envolta em pétalas de rosas vermelhas. Assustada com a barulheira dos empregados, ela acordou. Em um ímpeto de felicidade, ela espalhou as pétalas por toda parte, como o cair de uma garoa em meio ao pôr do sol.

Ela foi vigiada com todo o rigor após este dia, sem dúvida, porém, há uma lista infinita de incidentes estranhos que resultaram desta característica peculiar da jovem princesa. No entanto, jamais existiu outro bebê em uma casa, muito menos em um palácio, que tenha mantido os empregados tão bem-humorados. Embora não fosse fácil que as babás a segurassem, pelo menos, seus braços e corações eram poupados. E era tão legal brincar de bola com ela! Não havia perigo em deixá-la cair! Eles a jogavam para baixo, a empurravam ou até a lançavam na direção do chão. É verdade! Eles podiam até deixá-la sobrevoar o fogo ou um buraco cheio de carvão ou então atravessar uma janela, porque nenhum acidente jamais havia ocorrido.

Se ouvissem gargalhadas ressoando pela casa, eles tinham certeza do motivo. Ao descer até a cozinha, ou ao quarto, certamente encontrariam Jane e Thomas, Robert e Susan, todos reunidos, brincando de bola com a princesinha. Na verdade, ela era a própria bola, e nem por isso deixava de se divertir. Ela voava para longe, passando de uma pessoa a outra, rindo sem parar. E os empregados amavam a “bola” mais do que o próprio jogo, mas tinham de tomar certos cuidados ao arremessá-la, pois se subisse demais, poderia nunca mais ser recuperada.

**5**

**Então, o que faremos?**

No entanto, no andar superior, longe dos empregados, as coisas eram diferentes. Certo dia, por exemplo, o rei foi até o escritório para contar seu dinheiro, uma atividade não lhe dava nenhum prazer.

“E pensar”, dizia ele para a si mesmo, “que cada uma dessas moedas de ouro pesa um quarto de uma libra e a minha princesa, que é real, viva, e de carne e osso, não pesa absolutamente nada!” Ele odiava as suas moedas de ouro, pois elas pareciam transparecer um sorriso amplo de satisfação em seus rostos dourados.

A rainha estava no salão, comendo pão com mel, mas, na segunda mordida, ela começou a chorar e não conseguia mais comer. O rei pôde ouvir seus prantos. Insatisfeito com as pessoas, especialmente com a sua rainha, com quem brigava muito, ele jogou as moedas de ouro na caixa de dinheiro, ajustou a coroa sobre a cabeça e correu na direção do salão.

– O que está havendo aqui? – gritou ele. – Por que está chorando, rainha?

– Não consigo comer – ela respondeu enquanto olhava arrependida para o pote de mel.

– Não é de se estranhar! – comentou o rei. – Você comeu muito no café da manhã, devorou dois ovos de peru e três anchovas!

– Não é isso! – resmungou Sua Majestade. – É a minha filha, minha filha!

– E qual é o problema com a sua filha? Ela não está em cima da chaminé, tampouco no fundo do poço. Ouça seu riso, ela está bem!